



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
CAMPUS BINACIONAL OIAPOQUE**



**LUIZ WALLAC OLIVEIRA DOS SANTOS
DANIEL SILVA**

**A RELAÇÃO ENTRE AS FONTES DE RENDAS E AS ATIVIDADES
PRODUTIVAS NA ALDEIA SANTA IZABEL, TERRA INDÍGENA
UAÇÁ NO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE**

OIAPOQUE-AP

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
CAMPUS BINACIONAL OIAPOQUE



LUIZ WALLAC OLIVEIRA DOS SANTOS
DANIEL SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE AS FONTES DE RENDAS E AS ATIVIDADES
PRODUTIVAS NA ALDEIA SANTA IZABEL, TERRA INDÍGENA
UAÇÁ NO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a conclusão do Curso, sob orientação da Professora Mestre Evilania Bento da Cunha

OIAPOQUE-AP

2019

A RELAÇÃO ENTRE AS FONTES DE RENDAS E AS ATIVIDADES PRODUTIVAS NA ALDEIA SANTA IZABEL, TERRA INDÍGENA UACÁ NO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE.

**Luiz Wallac Oliveira dos Santos¹
Daniel Silva²
Evilania Bento da Cunha³**

RESUMO

O artigo em questão tem como objetivo apresentar algumas idéias relacionados às fontes de rendas e as atividades produtivas na Aldeia Santa Izabel do povo Karipuna, sobre os serviços ora remunerado/ou assalariado pelo setor público e os trabalhos da agricultura de subsistência. Para identificar as fontes de renda presentes na Aldeia Santa Izabel foi utilizado à técnica de aplicação de questionário com a comunidade, sendo os dados tabulados e analisados indicando as mudanças ocorridas nos últimos dez anos, ainda foram coletados relatos sobre a pratica agropecuária. O presente artigo apresentará o modo tradicional das roças Karipuna feitas através do Maiuhi e as demais fontes de renda vindas do serviço publico ou programas sociais.

Palavras-chave: Fontes de renda. Atividades produtivas. Aldeia Santa Izabel. Karipuna

1 - INTRODUÇÃO

O trabalho é uma tarefa que não necessariamente confere ao trabalhador uma recompensa financeira. O emprego é um cargo de um indivíduo em uma empresa ou instituição, onde o seu trabalho (físico ou mental) é devidamente remunerado. O conceito de emprego é bem mais recente do que o de trabalho, e surgiu por volta da Revolução Industrial e se propagou com a evolução do capitalismo⁴.

O trabalho é toda atividade e forma que esse serviço é realizado, de maneira que cada indivíduo conforme suas peculiaridades o executa, o que motiva a existência do ser humano pelo que representa na terra. Considerando a capacidade de criação do ser humano com propósito em certos resultados, acaba modificando ambientes de uma sociedade. Para

¹ Acadêmico concluinte do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, turma 2011

² Acadêmico concluinte do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, turma 2011

³ Docente do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, área Ciências Humanas - Geografia, orientadora do artigo para conclusão de curso dos discentes acima citados.

⁴ Informação retirada do site: <https://www.significados.com.br/trabalho>.

que as pessoas se realizem pessoalmente, não depende apenas do trabalho, há outras formas de convivência com respeito ao próximo e às diversidades.

O que fornece significado ao trabalho é o propósito pelo qual ele é executado. É individual e intransferível, sendo, portanto, claramente específico para cada ser humano. O que diferencia uma simples atividade do trabalho em si é a razão de sua realização. O trabalho deve preencher um porquê, uma finalidade e um valor (ANGERS, 1998). A razão pela qual executamos algo está vinculada a quem somos e como estamos no mundo: como nos sentimos a respeito de nós mesmos, e de que forma aquilo que fazemos impacta no mundo.

O cotidiano da sociedade indígena e seus modos particulares de se planejar para o convívio em comunidade procura dividir suas tarefas sempre buscando seus objetivos para melhorar os trabalhos nas Aldeias. Há normas quanto às atividades nas quais, as crianças, jovens, adultos e os anciões tem um papel importante na divisão das tarefas, de acordo com sua faixa etária. Em todos os trabalhos coletivos da Aldeia, nas roças, caça e pesca, atividades culturais e religiosa, na limpeza e vigilância dos limites das terras indígenas, entre outros.

Esse trabalho se estende para as instituições representadas na comunidade, no caso das áreas de saúde e educação que acabam por se programarem conforme os planejamentos das comunidades. Assim, o trabalho indígena vai além das atividades desenvolvidas para atender as obrigações de um emprego.

O contexto das comunidades indígenas é muito diferente de outras realidades. Pois mesmo desenvolvendo uma atividade assalariada, o conceito que os sustenta é o trabalho, neste caso, todos fazem suas roças, para ter seus produtos agrícolas, uma vez que isso faz parte da cultura levando em conta a organização familiar, religião, organização política, festas e outras atividades que uma comunidade desenvolve. Segundo Luciano (2006):

A Organização indígena é a forma pela qual uma comunidade ou povo indígena organiza seus trabalhos, sua luta e sua vida coletiva. Sendo assim, toda comunidade indígena possui sua organização ou organizações. Ela é como tal uma organização social própria. A existência de organização é uma necessidade coletiva, uma vez que a convivência só é possível com um mínimo de ordenação interna em que haja definição de objetivos, metas, estratégias e ações a serem desenvolvida coletivamente, além da distribuição de tarefas e responsabilidades. O cacique, o tuxaua, o líder, o pajé, o professor, o agente de saúde, o pai de família e outros agentes e membros comunitários fazem parte da organização interna de uma comunidade indígena, na medida em que cada um possui sua função e responsabilidade bem definidas, conhecidas e controladas por todos. (LUCIANO, 2006, p. 61 e 62).

Assim, a partir de nossa experiência pessoal como indígenas Karipuna e como discentes do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, escolhemos, nesse artigo abordar

sobre as fontes de rendas e as atividades produtivas na Aldeia Santa Izabel¹, nos últimos dez anos. Procuramos entender sobre as dificuldades que as comunidades indígenas da região de Oiapoque vêm enfrentando em relação às atividades produtivas como a fabricação de farinha após a entrada de atividades assalariadas nas Aldeias, como a geração de renda pode ser assumida como trabalho no olhar indígena.

Observa-se que a cada ano que passa vem se multiplicando, os serviços em contratos com o poder público e os programas sociais e políticas públicas governamentais. As atividades produtivas da comunidade estão ficando já em segundo plano, ficando a comunidade dependente de outras Aldeias que produzem estes produtos. O trabalho é um exercício material ou intelectual para a realização de algo que venha ser executado com perfeição em uma comunidade. Através do trabalho da agropecuária os Karipuna retiram o sustento de suas famílias, de acordo com testemunho do cacique Ramon (2015). Por isso, não deveriam abandonar essa prática produtiva, por fazer parte de nossos costumes, além de ser a primeira atividade que surgiu entre o povo.

O povo Karipuna se formou a partir de remanescentes de várias populações. O nome Karipuna é citado em relatos de viajantes já no século XVII, como moradores do Oiapoque (Mocquet, 1617). Não é mencionado no século XVIII, mas volta a aparecer em documentos do século XIX, como um grupo reduzido de famílias habitantes do Baixo Oiapoque e falantes de um idioma do tronco Tupi. Estas famílias, remanescentes de povos indígenas da região e outros migrantes da região do Salgado Paraense contribuíram para a formação deste povo.

Foi no Rio Curipí que reconstruíram seu modo próprio de vida. A Aldeia de Santa Izabel é uma das Aldeias do rio Curipí e foi fundada pelo senhor Manoel Primo dos Santos conhecido como (Coco), por volta dos anos de 1945, quando o mesmo veio da região de Oiapoque da atual Aldeia Juminã onde trabalhava com sua madrinha cuidando de criação de gado.

Após o seu casamento com Delfina, encontrou esse lugar para estabelecer sua nova morada, seu primeiro ato foi fazer uma grande roça de mandioca, e quando retirou a mandioca substituiu por capim. Na seqüência resolveu construir uma canoa que pudesse buscar seu casal de bovinos que tinha ganhado de sua madrinha pelo seu trabalho, mas como não tinha como manter no primeiro momento na nova Aldeia havia deixado lá no Juminã. Assim, que o pasto ficou pronto ele foi buscar o gado na sua nova canoa.

O seu Coco, como era conhecido não tinha estudos, mas desenvolvia bem a prática do comércio, assim resolveu abrir uma pequena venda de mercadoria por volta dos anos 1950 a

1960. Ampliou a venda com pele de jacaré e foi quando sua venda teve uma grande movimentação em toda região, hoje Terra Indígena Uaçá. A aldeia Santa Izabel sempre foi ponto de parada das comitivas oficiais em visitas aos índios da região do Uaçá.

A origem do nome da Aldeia foi uma homenagem a sua primeira filha que se chamava Izabel, mais tarde colocaram o nome do lugar Santa Izabel hoje Aldeia de Santa Izabel. A Aldeia Santa Izabel está localizada à margem direita, no curso médio do rio Curipí, em uma ilha afastada do rio por uma área de várzea denominada regionalmente “campo alagado” e cuja profundidade varia de dois a três metros. Situada na terra Indígena Uaçá no Norte do Estado do Amapá no Município de Oiapoque (localizada em: 50° 35' 40, 147" W 3° 45' 47, 039" N).



Figura 1: Foto aérea da Aldeia Santa Izabel
Fonte: SANTOS, L. W. dos/2009

Com base na história de fundação da Aldeia Santa Izabel que se estabeleceu como uma Aldeia produtora de farinha e gado não apenas para o consumo, mas para a comercialização, resolvemos fazer essa pesquisa para verificar a hipótese que não se produz mais farinha na Aldeia Santa Izabel, essa idéia surgiu durante o estudo sobre o povo Karipuna da Aldeia Santa Isabel na disciplina Projetos Econômicos em Terras Indígenas, o que nos levou a questionar sobre o modo de produção num passado recente e nos dias atuais. Vimos que a geração de renda na Aldeia foi sendo modificada com os empregos assalariados. No entanto, era apenas hipótese o que nos motivou a fazer essa pesquisa.

A pesquisa em questão procurou entender sobre as dificuldades que as comunidades indígenas da região do Oiapoque vêm enfrentando e se questionando, no que diz respeito à

remuneração salarial que chegou às Aldeias, e cada ano que passa vem se multiplicando o número de pessoas com o trabalho remunerado, sendo a prestação de serviços e a remuneração advinda de contratos com o poder público e nos programas sociais e políticas públicas governamentais. Desse modo, os trabalhos voltados para as atividades produtivas têm sido colocadas em segundo plano, deixando as comunidades dependentes de outras Aldeias que produzem esses produtos agrícolas, como é o caso da farinha de mandioca.

Segundo relatos dos mais idosos a Aldeia de Santa Izabel, na região dos Karipuna, era conhecida como grande produtora de farinha e outros subprodutos da mandioca, frutas e de animais domésticos, esses produtos abasteciam as Aldeias circunvizinhas, como também a cidade de Oiapoque. Diante da facilidade de aquisição de materiais para uso na agricultura e gêneros de alimentação diversificados deixados pelos regatões que adentravam o rio Curipí para vender seus produtos para mestre Coco, varias famílias passaram a habitar a Aldeia a fim de buscar uma atividade remunerada, algumas famílias foram trabalhar nas roças de mandioca e nos pomares de cítrus e banana, outros na fazenda de gado bovino.



Figura 2: Senhor Coco e sua esposa Maria Delfina
Fonte: Arquivo do CIMI/Norte

O Senhor Manoel Primo dos Santos, mais conhecido como “Seu Coco”, foi o fundador da Aldeia Santa Izabel, líder Karipuna do rio Curipí. De família importante entre os Karipuna, sua influencia se estendia a todas as terras indígenas, expressiva liderança política, este exercia o seu terceiro mandato como vereador no Município de Oiapoque pelo Partido Democrático Social - PDS até seu falecimento em 1986.

O seu Coco comercializava diversos produtos oriundos da agricultura familiar indígena, animais silvestres e seus subprodutos para os comerciantes em seus regatões⁵, que cotidianamente estavam fazendo comércio naquela área. Outra forma de comércio que Seu Coco fazia era levar esses produtos em seu batelão (grande embarcação de madeira, com

⁵ Embarcações que os rios das terras indígenas Oiapoque, para a comercialização de produtos industrializados como roupas, ferramentas, gêneros alimentícios, entre outros.

E ainda, cultivam árvores frutíferas: banana, manga, caju, laranja, limão, cacau, maracujá, goiaba, além de possuírem roçados onde são plantadas macaxeiras, batatas, jerimum, melancia, pimenta, milho, cará, abacaxi, cana, mandioca/farinha de mandioca que é vendida na própria Aldeia e no mercado consumidor de Oiapoque. As mulheres produzem artesanatos que são vendidos na cidade.

Diante dessas alterações produtivas na Aldeia Santa Izabel, propomos uma pesquisa que tem como objetivo geral identificar as fontes de renda da Aldeia Santa Izabel e a relação entre trabalho produtivo primário e terciário e como objetivos específicos nos propomos a:

1. Identificar na comunidade as fontes de rendas e a relação com as atividades agrícolas;
2. Quantificar as fontes de rendas;
3. Analisar a relação entre fonte de renda primária e terciária.

Com essa pesquisa, esperamos contribuir com informações úteis aos moradores da Aldeia Santa Izabel voltado às atividades de produção e comercialização de seus produtos, para que continuem desenvolvendo as atividades produtivas independentemente se têm ou não vínculo empregatício com o poder público.

2 - METODOLOGIA

Fizemos uso de metodologia quantitativa e qualitativa. Foi elaborado um questionário que segue em anexo. A aplicação do questionário foi feita entre os meses de fevereiro de 2015 a março de 2016, a demora na coleta dos dados se deu por que a aplicação do questionário foi feito com cada família, sendo que o preenchimento era feito por nós seguindo a ordem das perguntas. Outro fator na demora da coleta de dados foi o quesito tempo, nem sempre o tempo disponível das famílias era o mesmo tempo disponível que tínhamos. Foi decidido aplicar o questionário com todas as famílias totalizando 41 núcleos familiares, ou seja, o núcleo era composto por uma casa, mesmo que nela habitasse mais de uma família, no caso um dos filhos do casal que já tenha casado e tenha filho, mas não pode fazer sua casa e continua morando na casa dos pais. Nesses casos, fizemos as considerações na tabela que sintetiza as respostas do questionário.

Alem disso, fizemos uso de testemunho e de memórias de conversas informais que tivemos como membro da comunidade com anciãos e lideranças conhecedores da história e que puderam contribuir com os dados que sistematizamos, fornecendo informações gentilmente compartilhadas, durante toda a pesquisa.

Fizemos também visitas a escola, a enfermagem, comércios a fim de coletar dados, na construção desse trabalho foram pesquisados documentos do arquivo do CIMI/Norte e referências bibliográficas que subsidiaram teoricamente.

O artigo se desenvolverá em dois capítulos, sendo o primeiro sobre o “*maiuhi*”, o mutirão para trabalhar as roças Karipuna. Nesse capítulo abordaremos sobre a forma tradicional de fazer roça e as atividades primárias desenvolvidas na Aldeia Santa Izabel. Já no segundo capítulo analisaremos o questionário aplicado na comunidade sobre as fontes de renda assalariadas e a produção primária, verificaremos nesse capítulo as respostas que a pesquisa nos revelou.

1. MAIUHI⁷ DOS KARIPUNA

O trabalho indígena funciona mais em coletividade chamado de “*maiuhi*”, onde cada família se responsabiliza pelo trabalho. Em algumas Aldeias pequenas o trabalho depende da quantidade de pessoas ou número de famílias. Na agricultura dos Karipuna em geral, oferece a cada família fazer a escolha do terreno para seu roçado. Para os Karipuna esse trabalho é bastante complexo que envolve vários elementos históricos, naturais e culturais que permitem uma adaptação, onde são classificados como floresta, de terras baixas e floresta de terras densas. Existem uma preferência entre os Karipuna por terra firme, devido o tipo de solo que podem oferecer melhor plantio sem que tenha perda da produção.

A razão é que na terra firme o cuidado de capina é menor e o desenvolvimento da mandioca é maior e fica mais bonita. Há uma série de atividades que os Karipuna preferem realizar no âmbito da família nuclear⁸, mesmo que levem muito tempo para finalizá-la. Essas atividades dizem respeito à própria autonomia e intimidade do núcleo familiar, ressaltando sua independência em relação à família extensa, e englobam gostos e preferências de cada casal. A família nuclear costuma se colocar como responsável pela construção de sua roça, desde a escolha do local adequado para construí-la. A maioria dos serviços rotineiros também são feitos em famílias, geralmente na companhia dos filhos: caçar, pescar, cuidar da roça, cozinhar. As mulheres sempre trabalham apenas com suas filhas nos cuidados diários das roças, e inclusive no plantio dos alimentos (à exceção da mandioca). Como vimos, as famílias nucleares fazem parte de grupos de ajuda mútua que definem as suas famílias

⁷ Palavra na língua indígena *kheuól* que quer dizer “mutirão”.

⁸ Tassinari (2003), no livro o bom da festa. conceitua família nuclear como a família composta por pai, mãe e filhos, e família extensa quando abrange os parentes como primos, tios e irmãos.

extensas, aquelas que geralmente habitam a mesma residência, ou as casas de um mesmo segmento residencial, tem roças contíguas e repartem um mesmo *kahbe*⁹.

O tipo de ajuda opcional descrita acima também ocorre em todo o processo de abertura de roças ocorrendo momentos mais ou menos formalizados, entre os quais o mais importante e festivo é o mutirão de plantar. As roças também contam com um mutirão feminino que ocorre depois do plantio, para capinar o mato, quando as mandiocas atingem cerca de meio metro e, novamente quando alcança um metro. O trabalho é realizado geralmente de março a abril, quando ocorre uma pequena estiagem no meio da época chuvosa justamente quando cresce as plantas aquáticas nos campos alagados.

Esta é mais uma das razões apresentadas para justificar a preferência em fazer grandes mutirões para o plantio da mandioca. Também dizem que o trabalho parece ficar mais leve, com todo mundo junto, pois terminam de plantar a roça em um dia. Além disso, consideram o mutirão muito divertido: comem juntos, fumam cigarro de *tauri*, bebem *caxiri*¹⁰, contam piadas, fazem torneios de flechas, fabricam miniaturas de objetos e dobraduras de folhas para as crianças.

Mesmo assim, há caso de famílias que preferem plantar suas roças sozinhas. São famílias que moram em localidade mais afastadas das maiores Aldeias e são consideradas “fechadas”, ou “isoladas”, mesmo que participem dos outros movimentos de encontros. Um casal pode fabricar farinha isoladamente, combinar um esquema de cooperação com os familiares mais próximos, ou ainda, um convite a outras pessoas da Aldeia. (TASSINARI, 2003).



Figura 4: Corte da maniva
Fonte: SANTOS, L. W. dos/2011



Figura 5: Abertura de cova
Fonte: SANTOS, L. W. dos/2011

⁹ Palavra em *kheuól* que designa a “casa de farinha”, local onde é produzida a farinha de mandioca e seus derivados.

¹⁰ Bebida fermentada de mandioca muito consumida nas festas e rituais dos Karipuna.



Figura 6: Plantio dos talos de maniva
Fonte: SANTOS, L. W. dos/2011

1.1. A preparação da farinha

O primeiro passo para a preparação da farinha, é dividir uma parte da mandioca que foi colhida para deixar na água durante três dias antes de fazer a farinha, essa mandioca servirá para fazer a mandioca d'água. Depois é que será acrescentada a mandioca ralada para ser torrada e ficar no ponto da farinha, esse ponto é importante o que caracteriza a farinha de cada etnia com o sabor, a textura e a cor própria. No comércio de Oiapoque a farinha é vendida como farinha Karipuna, farinha Palikur, farinha Galibi Marworno, Farinha Galibi.

No mutirão, há uma divisão de tarefas que não ocorre quando as famílias trabalham sozinhas: as mulheres descascam a mandioca e os homens se ocupam em ralar. As crianças cabem lavar a mandioca e transportar água, ou que mais for preciso. Quando há *caxiri*, os homens se animam para cantar músicas de ralar, com ritmo crioulo, as canções imprimem uma cadência ao trabalho. Os homens preparam a massa ralada misturado-a com mandioca d'água, e deixam-na nos tipitis¹¹. As mulheres passam a massa na peneira. Ambos revezam-se no forno, torrando a farinha de mandioca ou tapioca. Em dois ou três dias toda a farinha encontra-se pronta, para consumo e também encaminhada para a cidade de Oiapoque para vendê-la, cabendo a eles todo o dinheiro da venda.

¹¹ Cestaria utilizada para prensar a massa da mandioca para extração do tucupi, que consiste em líquido amarelo que é consumido como em molhos de pimenta e no preparo de alimentos.

2. A GERAÇÃO DE RENDA ASSALARIADA E A PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Por volta das décadas de 1970 e 1980 inicia um fluxo maior de contratação dos indígenas para prestarem serviço na área de educação e saúde. Essas contratações eram feitas por intermédio do Conselho Indigenista Missionário – CIMI/Norte e pela própria Fundação Nacional do Índio - FUNAI. Contudo, quando a FUNAI deixou de ter as atribuições de gestão de saúde e educação, os contratos passaram para os órgãos federais competentes de cada área: educação e saúde. Nesse sentido, o movimento indígena trabalhou para que os funcionários de cada Aldeia fossem os próprios indígenas de suas respectivas comunidades.

Com espírito participativo, os povos indígenas de Oiapoque conquistaram a escrita da língua kheuol em 1980 desencadeando um processo de assumir a educação escolar desde a construção das escolas e confecção dos bancos até a escolha e apresentação dos professores indígenas, supervisão das aulas, adaptação do calendário escolar, início do processo nas aldeias de recuperação da língua materna, produção de cartilhas, de textos e mais tarde do dicionário. Realização do Curso Pedagógico para 14 Professores Indígenas, concluído em fevereiro de 1995, com a formatura de 13 professores indígenas. (CURRÍCULUM DE ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS INDIGENAS, 2006, p.7 e p.20). No ano de 2000 o Governo do Estado do Amapá através da Secretaria de Educação (SEED), ofertou uma complementação pedagógica (magistério indígena) capacitou mais de 100 (cem) professores, titulando a categoria em professor indígena. Em 2006 o GEA realizou o primeiro concurso específico para categoria professor indígena.



Figura 7: Deslocamento professores indígenas para Macapá participar do concurso específico
Fonte: SANTOS, L. W. dos/2006

Esse movimento impulsionou um aumento na contratação de indígenas, alterando o cotidiano das comunidades. Por um lado, temos o indígena colaborando com a cultura, pois sendo ele falante da língua poderia continuar desenvolvendo todos os trabalhos que os não indígenas desenvolviam com o diferencial de serem detentores da cultura local, por outro lado, esse mesmo indígena que concentrava seus trabalhos nas roças, agora divide o seu tempo entre trabalho assalariado e atividades agrícolas.

Para atender a necessidade imposta pelo serviço público que é ter técnicos capacitados, criou-se a necessidade de formação nas diversas áreas de conhecimento. No entanto, a luta maior foi para um curso que formasse os professores, daí surgiu o curso de Licenciatura Intercultural Indígena, mas percebe-se que ainda existe carência de formação em outras áreas.

Nesse contexto, pudemos observar que houve, de certa forma, interferência na prática de fazer roça, por isso buscamos o relato de Domingos Santa Rosa, indígena Galibi Marworno, funcionário antigo da FUNAI, e morador da Aldeia Manga para nos falar de sua experiência como assessor nas Aldeias no que tange as questões de Meio Ambiente, território e produção agrícola.

Na Aldeia Santa Izabel, por exemplo, observei, conversando muito com finado Álvaro Silva, sobre dessa influência do funcionário indígena dentro da comunidade tem uma influencia boa e outra negativa, a boa foi à distribuição de renda na comunidade, o funcionário público ele recebia, mas como ele tinha ocupação de área como servidor ele não poderia ta diretamente ligado as atividades de roça, ele pagava pra alguém fazer isso por ele, com isso fazia a distribuição de renda, mas por outro lado diminuiu a produção da farinha de mandioca, porque devido essa questão ambiental, a visão da comunidade de evitar ta fazendo roça podendo comprar a farinha pronta de outra comunidade mais próxima, deixava de fazer roça, isso foi diminuindo a produção dentro da comunidade, mas distribuía renda pra outras comunidades circunvizinhas, então isso causou que o positivo foi a distribuição de renda o negativo foi a falta do produto dentro da comunidade, em algumas épocas do ano eles sofriam com isso, tinham que importar farinha de outras Aldeias porquê não tinha roça, não produzia farinha suficiente para suprir carência da Aldeia, nem para comercializar para fora, então foi um ponto negativo naquela Aldeia (Santa Izabel), mas em algumas Aldeias e com os costumes mais preservados como Kumarumã, Kumenê e as Aldeias ao longo da BR-156 (Terra Indígena Uaçá), eu quero falar primeiro Kumarumã e Kumenê, elas estão localizadas mas no centro das terras indígenas e devido a isso os servidores públicos tem um comportamento diferente por estarem morando no centro e numa maneira diferente de conviver, então, esses servidores valorizam muito o trabalho agrícola, alguns se envolvem diretamente nos momentos de folga de acordo com o calendário da escola e o calendário agrícola, no Kumarumã por exemplo, eles começam um pouco cedo as aulas e encerrem também cedo, os professores indígenas em outubro vai todo mundo pro alto onde tem terras fértil para construir suas roças, eles estão envolvidos diretamente na construção das roças, eles também fazem uma distribuição de renda na comunidade pagando mão de obra para as pessoas

trabalharem pra eles, estão envolvidos nos finais de semana e nos feriados. Outra fonte de renda está na produção de artesanatos e na produção de canoas, ou mesmo na produção da farinha de mandioca. Então eles valorizam esta questão da produção, ainda uma parte do dinheiro que eles ganham é para questão da produção agrícola no preparo das roças, na aquisição de melhorias de transporte, voadeiras, motores, barcos e reforma de embarcações. Por exemplo, tem professores que tem grandes embarcações de 15 a 30 toneladas que eles investem muito nisso, e a produção de farinha mesmo não tendo áreas produzindo fazem aquisições de outros agricultores da comunidade para vender no mercado de Oiapoque e Sant' George na Guiana Francesa. No Kumenê também (etnia Palikur) é quase a mesma coisa eles conciliam as atividades de acordo com os calendários, seja nas atividades de saúde, educação, também estão desenvolvendo uma atividade agrícola ou coordenando ou se envolvendo diretamente naquela atividade¹² (Entrevista concedida por Domingos Santa Rosa, na FUNAI Oiapoque, em 2016).

De acordo com o relato de Domingos, direcionamos nossas pesquisas para a comunidade indígena de Santa Isabel no sentido de compreender quanto à geração de renda assalariada mudou o modo de vida dos comunitários, como também, dos indígenas que não tem vínculo com serviço público, que acabam se beneficiando de forma indireta dos assalariados, quando se beneficiam da venda de produtos.

O quadro 01 apresenta a sistematização dos questionários respondidos pelas famílias da comunidade Santa Isabel, segue em anexo o formulário completo.

Quadro 01: Fontes de renda da comunidade Santa Isabel

FAMÍLIA POR RESIDÊNCIA	QUANTAS PESSOAS	QUANT. COM RENDA	TIPO DE RENDA	ATIVIDADE AGROPECUÁRIA
Família 1	07	01	- Auxílio doença (INSS)	Agricultura
Família 2	05	01	- Professor Indí. (GEA/SEED)	Agricultura
Família 3	04	01	- Professor Indí. (GEA/SEED)	Não tem atividade
Família 4	11 (2 Fam.)	01	- Beneficiário de bolsa família	Agricultura
Família 5	10 (2 Fam.)	01	- Caixa Escolar - Bolsa família	Agricultura
Família 6	11	02	- Professor Indí. (GEA/SEED)	Agropecuária

¹² Considerando a importância do relato do Domingos Santa Rosa para esse trabalho e a experiência acumulado pelo mesmo, optamos em dar o mesmo valor de voz, assim não adotaremos as normas da ABNT, mas tomamos como referência o Artigo de José Guilherme dos Santos Fernandes (2014) que indica uma fonte para diferenciar o texto dos autores do relato do informante, nesse caso Domingos Santa Rosa.

			- Bolsa permanência	
Família 7	03		- Trabalhador autônomo	Não tem atividade
Família 8	11	01	- Auxílio doença (INSS)	Agricultura
Família 9	04	03	- motorista da comunidade - Aposentadoria (INSS) - Bolsa permanência	Agricultura
Família 10	10	01	- Beneficiário Bolsa família	Agricultura
Família 11	04	01	- Trabalhador autônomo	Não tem atividade
Família 12	09	02	- Professor Indf. (GEA/SEED) - Bolsa família	Agricultura
Família 13	04	01	- Beneficiário do INSS	Agricultura
Família 14	04	01	- Bolsa família	Agricultura
Família 15	05	01	- Professor Indf. (GEA/SEED)	Agricultura
Família 16	05	01	- Professor Indf. (GEA/SEED)	Agricultura
Família 17	07	03	- Beneficiário do INSS - Bolsa família	Agricultura
Família 18	04	01	- Bolsa família	Agricultura
Família 19	04	01	- Caixa escolar	Agricultura
Família 20	08	01	- Professor Indf. (GEA/SEED)	Agricultura
Família 21	05	01	- Professor Indf. (GEA/SEED)	Agricultura
Família 22	10 (2 Fam.)	01	- Professor Indf. (GEA/SEED) - Bolsa permanência	Agricultura
Família 23	07	01	- Bolsa família	Agricultura
Família 24	09 (2 Fam.)	02	- AISAN	Agricultura
Família 25	07	01	- Tec. Enfermagem	Agricultura
Família 26	04	01	- Professor Indf. (GEA/SEED)	
Família 27	07		- Curandeiro	
Família 28	03	02	- Aposentadoria INSS	
Família 29	12	02	- Comerciante	Agricultura
Família 30	02	02	- Piloto fluvial da Saúde	
Família 31	01	01	- Caixa Escolar - Parteira tradicional	
Família 32	14	01	-	Agricultura
Família 33	03		- Autônomo	
Família 34	03		- Autônomo	
Família 35	05 (2 Fam.)	03	- Pensionista INSS	
Família 36	04	03	- Aposentadorias INSS	Agricultura
Família 37	03	03	- Professor Indf. (GEA/SEED) - Aposentadorias INSS	

Família 38	05	02	- Aposentadorias INSS	Agricultura
Família 39	06 (2 Fam.)	02	- Professor Indí. (GEA/SEED)	Agropecuária
Família 40	08	01	- Caixa escolar	Agricultura
Família 41	06	02	- Professor Indí. (GEA/SEED) - Vereador	Agropecuária

Uma observação a ser feita é que embora tenha 41 famílias como apresenta a tabela acima, identificamos famílias com dois ou mais núcleos familiares, ou seja, que moram na mesma casa, sendo os filhos que casam e continuam morando na casa dos pais, esse formato de família é uma tradição da Terra Indígena Uaçá. A permanência com os pais é um traço cultural e não só econômico, pois o casal jovem é observado pelos pais que ajuda na formação do comportamento familiar. Outrossim, quando essas famílias jovens obtêm sua independência, com a construção de suas roças próprias eles constroem suas próprias casas e saem da casa dos pais.

Na Aldeia Santa Izabel das 41 famílias, 6 são compostas por dois núcleos familiares habitando numa mesma casa, consideramos família como residência. Assim, temos 41 residências, mas são 47 famílias. Percebemos também uma irregularidade no tamanho das famílias e nas fontes de renda.

O quadro acima mostra o número de famílias, composta pelos casais mais jovens de vinte a trinta anos, casais acima de trinta a quarenta anos, e idosos de cinquenta a cem anos de idade. A quantidade de habitantes da Aldeia Santa Izabel foi composta a partir dos dados adquiridos no posto de saúde da mesma. Além disso, quando o filho ou filha é o mais novo, ou seja, o último filho do casal, há uma tendência de continuar morando com os pais a fim de ajudar e cuidar na velhice, como continuar o trabalho da roça, afazeres da casa, dentre outros.

No quadro, observamos que as famílias com poucas pessoas são de casais mais jovens, que pretendem ter um número menor de filhos, as mudanças na educação, no planejamento familiar, o convívio com outras culturas, os padrões de consumo, foram fatores que interferiram na composição familiar. Assim, as famílias menores não sobrevivem hoje somente da roça, mas de outros meios de trabalhos, estudando e ingressando no serviço público.

Os casais mais idosos só tinham um número de filhos maior porque não tinham um atendimento voltado para a saúde, com métodos anticoncepcionais que evitasse ter muitos filhos. Por outro lado, os casais também queriam ter muitos filhos para ajudar na subsistência

familiar, nos trabalhos da roça, pesca e coleta extrativista. Pois, era do trabalho da roça que as famílias sobreviviam, um trabalho que dependia de um grande número de pessoas.

O quadro aponta também outras formas de geração de renda na Comunidade Santa Izabel, como o trabalhador autônomo, esse se refere às profissões de: pedreiro, carpinteiro, pintor, artesão, totalizando 4 (quatro) pessoas que obtém suas rendas com esse trabalho. Na década de 1980 alguns indígenas saíram da comunidade para trabalhar na construção civil nas cidades de Cayenne, Macapá e Oiapoque com isso aprenderam o ofício de pedreiro, carpinteiro, pintor.

Na década seguinte houve um investimento em infra-estrutura nas Aldeias, com a construção ou reforma de escola, posto de saúde, saneamento básico, centros comunitários para as assembléias, alojamento para professores e outros servidores públicos não indígenas. As empresas contrataram a mão-de-obra local impulsionando os indígenas a trabalharem nisso, e assim, adotarem esses ofícios como suas profissões, atuando dentro da comunidade. O fato de serem autônomos interfere na dinâmica de fazer roça, desses quatro trabalhadores autônomos três não trabalham mais com agricultura.

Uma outra fonte de geração de renda que é apresentado na tabela é a de vereador. Essa função é estratégica no baixo médio rio Curipí que historicamente tem tido representante na câmara de vereadores, é importante por que a participação da comunidade Indígena de Santa Izabel e adjacências dentro do processo político do município objetiva articular políticas públicas com desenvolvimento sustentável, assegurando os modos tradicionais e garantindo o acesso dos indígenas aos programas e projetos disponibilizados pelos órgãos governamentais.

Das 41 famílias, temos 21 pessoas que tem sua fonte de renda vinda de programas do governo federal como bolsa família, bolsa permanência e pensão do INSS, se considerarmos que cada uma dessas 21 renda fosse distribuída pelas 41 famílias teríamos mais de 50% das rendas provindas de programas sociais. Portanto, a política de assistência social tem interferido no modo de vida dos indígenas.

Uma fonte de renda que foi introduzida é provinda do serviço público. Nesse sentido, temos 17 pessoas que tem suas rendas no segmento da educação e 4 na saúde, totalizando 21 rendas provindas do serviço público, da mesma forma se distribuíssemos percentualmente teríamos mais de 50% das famílias com rendas do serviço público.

Vale salientar que na área da saúde, temos uma profissão que é de parteira que antes não tinha o reconhecimento de profissão, mas que sempre existiu como um trabalho voluntário, que era cultivado dentro da cultura tradicional, era uma prática das mulheres mais

idosas que transmitiam esse saber as mulheres mais jovens. Contudo, as políticas públicas valorizaram esse saber e oficializaram a profissão com remuneração, o que introduz na comunidade Santa Izabel mais uma alternativa de fonte de renda.

Em relação à educação escolar indígena, vale salientar que a primeira formação do magistério indígena que habilitava o indígena a trabalhar como professor na sua comunidade foi feita pelo CIMI/Norte na década de 90, desde então a Comunidade Santa Izabel, teve seus próprios professores, na seqüência, veio o curso de Licenciatura Intercultural Indígena, ofertado pela Universidade Federal do Amapá, campus do Oiapoque, que habilita o indígena nas áreas de Ciências Humanas, Exatas e da Natureza e Linguagens e Códigos.

Além dos indígenas concursados e contratados, aqueles que são discentes da Licenciatura Intercultural Indígena recebe a bolsa permanência durante os quatro anos que estiverem cursando na universidade. Hoje, o quadro de servidores na área de educação fundamental na comunidade é totalmente composto por membros da comunidade, já o Ensino Médio ainda é atendido pelo SOMEI, formato de educação modular que o Estado oferta para as Aldeias indígenas. No entanto, a comunidade já começa vislumbrar que com mais um ano já terá um quadro suficiente de professores indígenas formados para atuarem também no ensino médio.

A renda que é gerada na comunidade circula também na cidade do Oiapoque, para onde os indígenas fazem suas compras. Percebe-se mudanças na prática da população de Santa Izabel no que diz respeito a essas compras, antes eram feitas com os recursos provenientes da venda do excedente da farinha e agora como a maioria são assalariados produzem apenas para a alimentação. Dessa forma, das 41 famílias, apenas duas ainda tem a prática de produzir farinha para o consumo e o excedente vender, dentre outras culturas agrícolas. Das 41 famílias, 10 produzem para vender e consumir, e 17 produzem só para o consumo da família.

Portanto, a prática cultural de fazer roça de mandioca permanece na Aldeia Santa Izabel, diferente da hipótese inicial que tínhamos, assim entre os que fazem roça só para consumo, para vender e para as duas finalidades somam-se 30 famílias. Talvez, o fato de apenas 10 famílias produzirem roça para comercialização tenha interferido na opinião de que não se produz mais farinha na Aldeia Santa Izabel, uma vez que essa Aldeia já foi uma das maiores comercializadoras de farinha no mercado local como apontamos acima sobre o comercio iniciado pelo Senhor Coco.

2.1. PRODUÇÃO AGRÍCOLA E GERAÇÃO DE RENDA

Tentaremos fazer uma análise da produção agrícola, relacionando quem comercializa e quem não comercializa, se quem comercializa tem outra fonte de renda e qual fonte para verificarmos se aquela renda provinda do serviço público interfere na produção agrícola.

A família 1 é composta por sete pessoas com apenas uma fonte de renda que vem da aposentadoria do INSS, já a produção agrícola é feita para o consumo e a comercialização. Assim como a família 1 temos mais dez famílias que produzem para consumir e comercializar. Contudo, analisando o questionário, observamos que houve uma diminuição da produção de seis famílias, em relação aos últimos dez anos. Quatro famílias aumentaram a produção e uma família voltou a produzir depois de 10 anos.

A família 3 é composta por quatro pessoas, família de jovem, uma renda de professor, não tem produção agrícola. O fato de ser uma família de jovem, que estudou e que já trabalha como professor, não deu tempo de passar pelo o processo de ter que construir sua própria roça pra ter independência financeira, uma vez que a independência financeira veio com o trabalho assalariado.

A família 4 é composta por duas famílias com onze pessoas dividindo dois núcleos um de quatro pessoas e o outro de sete pessoas. Com renda de bolsa família, trabalha na agricultura produz mil quilos de farinha e a dez anos produzia quinhentos quilos, vemos um aumento na produção, podendo ser do maior número de pessoas para trabalhar na roça, mas também pela necessidade de comercialização já que essa é uma das principais fonte de renda. Como essa família temos mais cinco. Das seis famílias três produzem para comercializar uma não tem roça, e assalariada do INSS e duas que produzem só para o consumo são servidores públicos da educação e da saúde. No entanto, um tinha uma maior produção há dez anos atrás o que indica que o excedente era comercializado e outro tem uma maior produção hoje mesmo sendo só para o consumo, esse fato se dá com o aumento dos membros familiares. Além, de hoje ter quem compre na Aldeia e há dez anos atrás não tinha.

Das 41 famílias 18 produzem só para o consumo, todos eles tem um renda, seja por que é funcionário público, aposentado ou beneficiário de bolsa família. Assim, 100% dos que fazem roça só para o consumo tem uma renda que permite fazer roças menores. Além dos servidores públicos da educação e saúde que hoje é bem presente na comunidade e dos autônomos temos também os que são beneficiários de auxílios sociais como a bolsa família e bolsa permanência totalizando 9 pessoas, isso representa mais de 50% das famílias que fazem

roça só para o consumo. Em relação a produção hoje e há dez anos atrás, vimos que mesmo sendo hoje só para o consumo há dez anos 9 famílias produziam mais do que produzem hoje podendo indicar que antes esse excedente era comercializado e hoje não.

A família 17 e 27 produzem roça para o consumo e quando excede eles vendem, contudo não tem a finalidade exclusiva para venda. Essas famílias também tem salários que complementam a renda. Identificamos que há dez anos atrás eles tinham uma produção maior.

Outro fato é que entre as 41 famílias, 10 não trabalham com agricultura há mais de 10 anos, esse número não é significativo para afirmar que na Aldeia Santa Izabel não se produz farinha. Contudo, cabem algumas reflexões sobre essas famílias. Em primeiro lugar dos dez, três são aposentados, sendo que a composição familiar é de poucos membros e quase sua totalidade tem atividades com rendas, vimos uma família com três pessoas e as três tem renda.

Ainda dentre os dez 2 famílias são de funcionários públicos e também de composição pequena, sabe-se que o trabalho de roça exige uma força de trabalho maior e que famílias pequenas tem dificuldades de fazer suas roças. As outras cinco famílias são de autônomos como carpinteiros, pedreiros, serrador de madeira, entre outros, inviabilizando a abertura de roças. Outro fator é que das dez famílias seis são de casais jovens que não estão preparados para abrir suas próprias roças.

Podemos dizer que das nove famílias que só produzem para o consumo hoje e que produziam mais há dez anos e as famílias 17 e 27 que também produziam mais há dez anos somam-se 11 famílias de um total de 19 que diminuíram a sua produção em virtude de rendas assalariadas ou de auxílio de programas sociais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado teve como objetivo identificar as fontes de rendas existentes na Aldeia Santa Izabel. Durante a pesquisa encontramos outras situações na parte da produção agrícola, onde esperávamos observar uma produção agrícola igual ou maior a dez anos atrás. Contudo a pesquisa nos mostrou mudanças nos hábitos de algumas famílias após terem adquiridos um trabalho assalariado, num passado não muito distante as famílias tinham o costume de trabalhar de forma coletiva visando uma produção agrícola maior e diversificada, onde viesse atender as necessidades de cada família com o excedente comercializado.

Com o salário advindo do serviço público, aposentados e beneficiários de programas sociais houve uma diminuição nas tarefas do setor primário, porém, com os salários as famílias puderam melhorar e ter uma qualidade diferente de dez anos atrás. Observamos também que não acabou a produção agrícola como imaginávamos no início dessa pesquisa, a prova disso é que de 41 famílias, 31 fazem roça mesmo que seja só para o consumo.

A pesquisa foi muito importante porque veio mostrar a atividade produtiva tradicional do povo da Aldeia que ainda permanece viva tanto na construção das roças, produção agrícola, quanto na criação de animais de pequeno/médio e grande porte, apesar da diminuição da produção agrícola, atualmente, ainda se faz grande produção para consumo e venda. Esperamos que esse trabalho de pesquisa sobre fontes de renda e atividades produtivas permaneça sempre em constante estudo para observar as mudanças na Aldeia Santa Izabel e demais Aldeias das terras indígenas do Oiapoque. Possibilitando reflexão sobre as práticas culturais e sua manutenção dada sua importância para o povo enquanto comunidade indígena. Além disso, a pesquisa nos mostrou que a cultura do *Maiuhi* tem sido resignificada, mas continua viva.

REFERÊNCIAS

CAVALET, Susan Regina Raittz; DENARDI, Cristiane; DIRKEN, Edenir Cristina; HARO, Maria Elizabeth Nickel. **O significado do trabalho**. REVISTA SANARE. v. 11 n. 11 jul a dez/1999. Acesso on-line: WWW.sanepar.com.br.

GALLOS, Dominique Tilkin; GRUPIONI, Denise Fajardo. **Os povos indígenas no Amapá e norte do Pará**. 2ª edição, Rio de Janeiro. Ponto de cultura “arte e vida dos povos indígenas do Amapá e norte do Pará” (Iepé e Iphan-MinC), 2009.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). **As leis e a educação escolar indígena: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

LUCIANO, Gersem dos Santos Baniwa. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

RELATÓRIO, Assembleia dos chefes e representantes dos povos indígenas da região de Oiapoque. 1ª assembléia, Aldeia Kumarumã, 1976.

RICARDO, Carlos Alberto. **Povos Indígenas no Brasil 1996-2000**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **No Bom da Festa**. São Paulo: Edusp. 2003.

ANEXO - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
CAMPUS BINACIONAL OIAPOQUE



Nome _____ Idade _____ M () F ()
Local _____ Data: _____

- 1) Sua família é composta por quantas pessoas? Quantos tem atividade de renda?
- 2) Com que trabalha?
 - a. Funcionário público. Qual? Desde quando? _____
 - b. Autônomos. Qual? _____
 - c. Beneficiário do INSS. Qual? Desde quando? _____
 - d. Agricultura
 - e. Outros: _____
- 3) É beneficiário de programas sociais? Quais?
- 4) Caso trabalhe com agricultura, quais os produtos e quantidade anual da produção?
- 5) Qual era quantidade de sua produção agropecuária há dez anos?
- 6) Sua produção agropecuária é para comercializar?
- 7) Quais rendas são mais presentes na comunidade?